

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	10.º ANNO — VOLUME X — N.º 304	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6050	5120	I DE JUNHO 1887	LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Por uma circumstancia estranha e inexplicavel, o *Severo Torelli*, a famosa peça de François Coppée, que o theatro de D. Maria poz em scena, com um grande luxo de apresentação, desappareceu do cartaz depois da quinta representação.

Porque foi isso?
Evidentemente porque o publico não ia ao theatro nas noites em que o theatro punha esta peça, e a empresa de D. Maria se ver obrigada a substitui-la por outras peças, por peças velhas para ter espectadores.

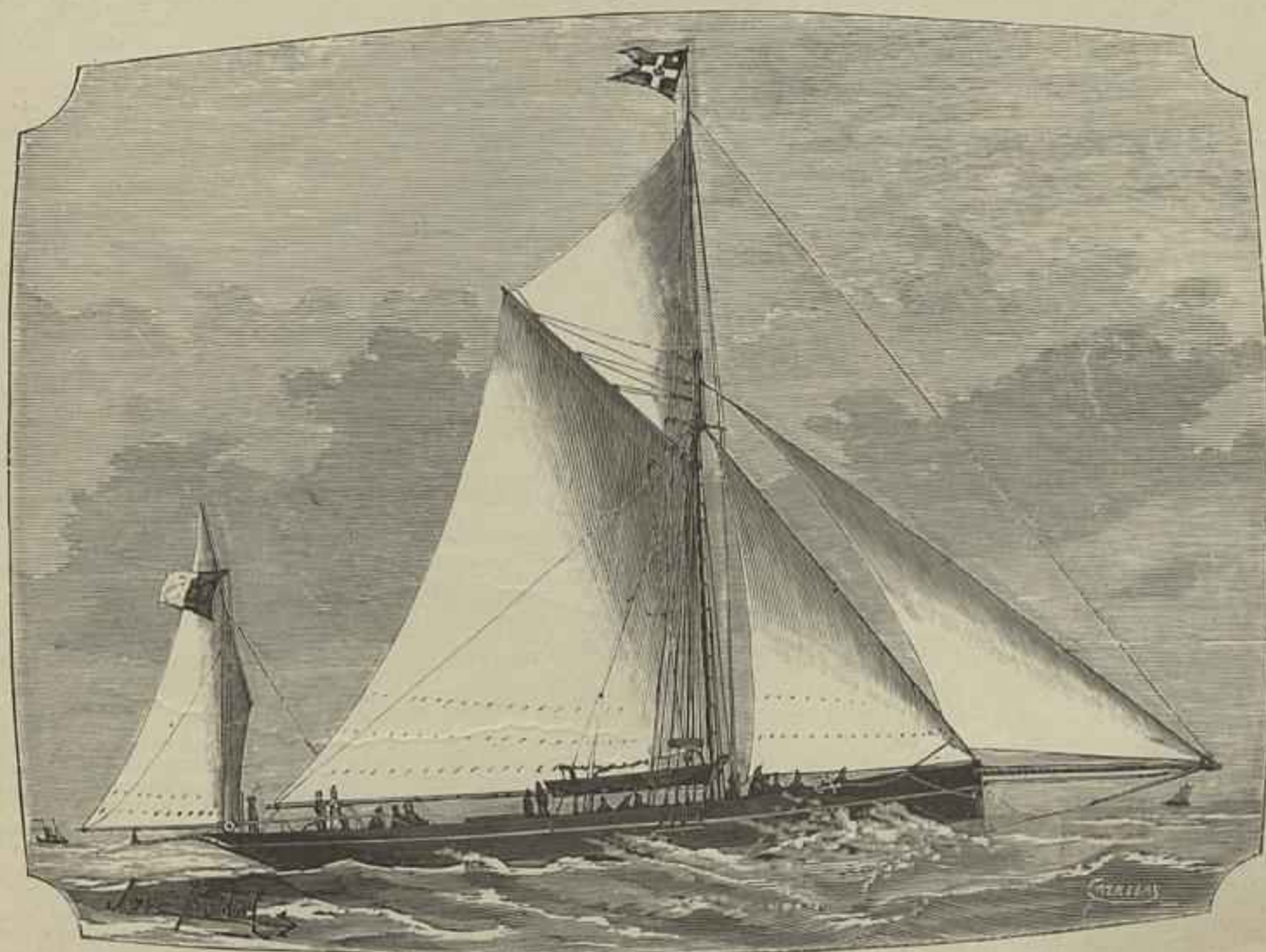
Quer isto dizer que *Severo Torelli* cahiu?
Não, não pôde dizer isso, porque não seria a verdade.

O *Severo Torelli* não teve na primeira noite o que se chama um grande successo, ou antes teve esse grande successo apenas n'um acto — no terceiro. Os outros actos agradaram, mas mediocremente, á excepção do ultimo que sem ter o

successo do terceiro produziu contudo funda impressão.

Note-se que fallamos por informações de pessoas que assistiram á primeira representação do *Severo Torelli*: como dissemos na nossa ultima chronica não podémos ir na noite da *primiere* ao theatro de D. Maria. Reservavamo-nos para ir ver o drama de Coppée mais tarde, sem por sombras imaginarmos, que ás cento e nove representações que o *Severo Torelli* teve no Odéon de Paris, corresponderiam no theatro de D. Maria, cinco representações apenas!

E portanto, em vista d'este acontecimento inesperado, ficámos sem ver a peça de Coppée em



VIAGEM DE SUAS ALTEZAS OS DUQUES DE BRAGANÇA A SETUBAL — O YACHT DE RECREIO, «AMELIA» (Desenho do artista amador sr. José Parial)

scena. Em compensação conhecemol-a de ha muito em francez, e graças á bella edição que da versão portugueza fez o sr. Paulo Plantier podemos também conhecer todos os bellos versos em que o Visconde do Monsaraz e Jayme Victor traduziram os esplendidos versos do grande poeta moderno da França.

Ora desde o primeiro dia em que lemos no original francez o *Severo Torelli*, nós gostando immenso do drama, como obra litteraria, admirando enormemente os versos, a fórma primorosa em que o illustre poeta do *Passaut* vasára a sua lugubre tragedia, não ficámos morrendo de amores por *Severo Torelli* como obra theatral, não acreditámos inteiramente nada no successo que posta em scena essa peça teria perante o publico portuguez.

Não tínhamos confiança no drama, mas confessamos francamente, nunca imaginámos que elle desse apenas cinco representações.

E não tínhamos confiança por dois motivos.

1.º—Porque François Coppée é acima de tudo um poeta, é muito mais poeta do que auctor dramático; no *Severo Torelli* importou-se muito mais com a fórma litteraria do que com a urdidura theatral; duas ou tres scenas são magistraes, d'um dramático profundo, d'uma impressão poderosa, mas para chegar a essas situações a peça arrasta-se longamente, em demoradas scenas, sem interesse, sem acção e que vivem unicamente da belleza, da fórma do encanto do verso.

Depois o assumpto extremamente tragico e sombrio está muito fóra do gosto moderno. É uma tragedia antiga e á antiga tratada, d'ahi uma fadiga mesmo na sua leitura, fadiga que na scena se deve traduzir, como effectivamente se traduziu no theatro de D. Maria, n'um cansaço enorme que vive paredes meias com o aborrecimento.

2.º—O segundo motivo vem das difficuldades inseparaveis, para a maior parte dos artistas de hoje, do genero da peça e da sua fórma litteraria.

Todos os papeis, mesmo os mais insignificantes do drama de François Coppée teem uma grandeza antiga, estão tão fóra da humanidade de hoje, que difficilmente pôdem ser realísados na scena á sua verdadeira altura. Por mais talento que tenham os artistas a quem esses papeis forem incumbidos, na sua execução ha-de sentir-se sempre o esforço empregado para conseguirem introduzir-se n'essas individualidades estranhas, tão fóra dos nossos habitos, dos nossos tempos, do nosso genero e da nossa escola.

A fórma litteraria é também um outro perigo para a representação; cinco actos em versos, versos de tragedia, por mais bem feitos que esses versos sejam, por melhor que sejam ditos, não de fatalmente cançar um bocadinho o publico.

Eu, como já disse, não assisti a nenhuma representação do *Severo Torelli*, mas não posso attribuir á outra causa, a queda, ou antes o insuccesso—da afamada peça de Coppé.

Completamente fóra do gosto artistico do nosso publico, do genero artistico dos nossos actores, o *Severo Torelli*, apesar de toda a riqueza e rigor com que foi posto em scena, apesar de toda a belleza do scenario e de todo o luxo dos costumes, apesar da esplendida traducção de Jayme Victor e do Visconde de Monsaraz, e de ser representado pelos mais notaveis artistas do nosso primeiro theatro, não conseguiu viver mais de cinco noites!

O publico não pateou a peça, não commetteu esse sacrilegio litterario. Foi na primeira noite, viu, ouviu, applaudiu exactamente aquillo que na peça achava de theatral—o terceiro acto e o quinto, massou-se um pouco no resto e sahio do theatro pensando decerto que para cinco actos só duas situações importantes, não é uma grande proporção.

E não voltou lá mais.

E o *Severo Torelli* sem cabir, sem receber um testemunho sequer de desagrado, tendo peio contrario até palmas ruidosas em algumas scenas, desapareceu do theatro, quasi que sem ninguém dar por isso.

Na noite immediata a empresa fez *reprise*, e com um certo espirito, do *Drama no fundo do mar*.

E o theatro encheu-se.

E no fim de contas nós não queremos por isso muito mal ao publico.

Seria um sacrilegio mesmo comparar o *Drama no fundo do mar* ao *Severo Torelli*, mas o que é verdade é que como obra theatral a peça de Ferdinand Digné interessa mais o publico do que a peça de François Coppée.

E o publico, soberano senhor, está no seu direito de preferir um espectáculo que o interesse mais, a um que o interesse menos, e a empresa como no fim de contas não é uma empresa sim-

plesmente artistica, é também uma empresa commercial, não tem remedio senão dar ao publico aquillo que elle quer.

Para nós o defeito theatral do *Severo Torelli* é ter cinco actos.

Se François Coppée fosse um bocadinho mais auctor dramático teria feito com aquelle assumpto um esplendido e irretistível drama n'um acto.

Effectivamente todas as situações poderosas, todas as situações verdadeiramente dramaticas d'aquella lugubre tragedia se podiam agrupar logicamente n'um acto só.

O que vem a ser o *Severo Torelli*?

É o filho d'um adulterio quasi sagrado; da esposa que se deshonra para salvar o marido que adora.

Ignorando o mysterio horrível do seu nascimento Severo Torelli jurou perante a hostia consagrada matar o tyranno de Pisa, o aggressor da sua patria, o sanguinario Barnabo Spinola.

Sua mãe a heroica D. Pia sabedora d'este juramento, confessa a seu filho a verdade horrível:—Barnabo, o tyranno, é o pae de Severo Torelli.

Severo acha-se portanto collocado entre o perjurio e o parricidio.

Eu com este punhal fiz este juramento:

«Juro ferir com mão segura e decidida,

«Enterrar o punhal, revolver-o na frida,

«Seja onde quer que for matar o monstro abjecto,

«Mesmo na nossa casa e sob o nosso tecto,

«Aqui junto do altar, de joelhos e mãos postas

«Sendo preciso até enterrar-lhe nas costas

«O meu punhal, e erguendo o ferro ensanguentado,

«Dedicar o holocausto a Pisa.»—Está jurado!

Este problema é claro e tenho-o debatido;

Necessita de ser depressa resolvido:

Ou eu o mato ou não. Se o mato sem piedade

Entrego a minha patria, heroe! á liberdade,

Cumpro perante Deus um santo juramento,

Castigo o torpe algoz, o carrasco violento

Da minha pobre mãe ultrajada, asseguro

Ao bom Torelli, a paz, a honra e o futuro.

Se o não mato, meu Deus! que indignação, que horror!

Sou um perjuro ao céu e á patria um traidor,

Morrerão amanhã dez homens innocentes,

Hão de crivar-me a alma os odios inclementes

Dos meus concidadãos, e o nome respeitado

Do velho que me adora, ha de ser sepultado

No lodo e na deshonra!...O coração perfeito,

Que dobra como um bronze e aquece o meu peito,

É preciso escolher e decidir!...Ah! Pisa,

Terra em que o crime impera e a virtude agonisa,

Encerras no teu ventre um turbilhão horrendo

De monstros...Ugolino e seus filhos, mordendo

Sofregamente as mãos, famintos, a evitarem

O momento fatal de se entre-devorarem!

Podias inspirar-te, ó tenebroso Dante,

N'este immundo covil de feras. N'um instante

O teu olhar, ó patria ensanguentada, vae

Ver Severo Torelli a assassinar seu pae!

Meu pae! Meu pae!...Porque? Porque o tyranno um dia

Violou pelo terror e pela covardia

Uma triste mulher sem força e inconsolavel!

E eu, santo Deus! nasci d'este acto abominavel!

Meu pae! Mas se é meu pae esse homem tão atroz

Porque não sou como elle estúpido e feroz!

Pois se da sua carne a minha carne é feita,

Porque me acolhe a alma e o coração me a aceita,

Esta innocencia ideal que loucamente adoro!

Então porque hesito eu? Apesar d'esse choro

Que inundou, minha mãe, teu lugubre passado

E também apesar d'esse mandato honrado

Que a patria me entregou?...Porque duvido então?

Que estranha garrá, ó Deus, me aperta o coração!

Que covardia é esta, e emfim, porque me assusta

Erguer sobre o tyranno a minha mão robusta?...

Pois bem. Tenho inda um meio, um sophisma, ó piedade!

Vou cumprir da missão apenas a metade.

Arrisco a honra, sim, e esse homem tão cruel,

Liberto o meu paiz sem o matar a elle!

E um plano, bem sei, bastante duvidoso...

Oh! mas se recusar, indomito e raivoso

Acabarei com elle, e acabarei comigo.

(Olha o punhal.)

Farás o teu dever, meu derradeiro amigo?...

Barnabo, entra. Entre o pae e o filho ha uma

scena terrível, Severo ergue para elle o punhal.

«Morreremos os dois...»

N'isto um vulto negro sae de traz d'um reli-

cario, crava um punhal no peito de Barnabo,

dizendo:

«Não! morrerá só elle!

É D. Pia que para salvar seu filho do parricidio mata aquelle que a ultrajou, e depois se mata, a si, pedindo ao filho que viva para consolo do velho Torelli.

Toda a acção dramatica da peça é esta, e como veem toda ella se podia reunir n'um só acto.

Em cinco é extremamente deluída; para se chegar ás situações culminantes atravessam-se muitas scenas sem interesse, que cançam, que enfastiam o espectador e que explicam o desastre que no theatro de D. Maria teve a peça de Coppée.

Vae longa a chronica, e não temos espaço já para hoje fallarmos da *Reliquia*. Em compensação os nossos leitores, encontrarão adiante a transcrição d'um dos trechos mais interessantes do novo livro de Eca de Queiroz—aquelle em que apparece a *Reliquia* que dá o nome ao livro.

E na proxima chronica, se Deus quizer e os acontecimentos permittirem, fallaremos detidamente do novo livro do illustre e glorioso auctor do *Primo Basilio* e do *Crime do Padre Amaro*.

Gervasio Lobato.

A RELIQUIA

(Excerpto)

Cedo, ao outro dia, domingo, o incansavel Topsisius partiu, bem enlapisado e bem enguardado, a estudar as ruínas de Jericó, essa velha Cidade das Palmeiras que Herodes cobrira de thermas, de templos, de jardins, d'estatuas, e onde passaram os seus turtuosos amores com Cleopatra... E eu, á porta da tenda, escarranchado n'um caixote, fiquei a tomar o meu café, olhando os pacificos aspectos do nosso acampamento. O cozinheiro depennava frangos; o bebedeiro triste arava á beira d'agua o seu pacato alfange; o nosso lindo arrieiro esquecia a razão ás egoas para seguir no céo, d'um brilho de saphira, a branca passagem das cegonhas voando aos pares para a Samaria.

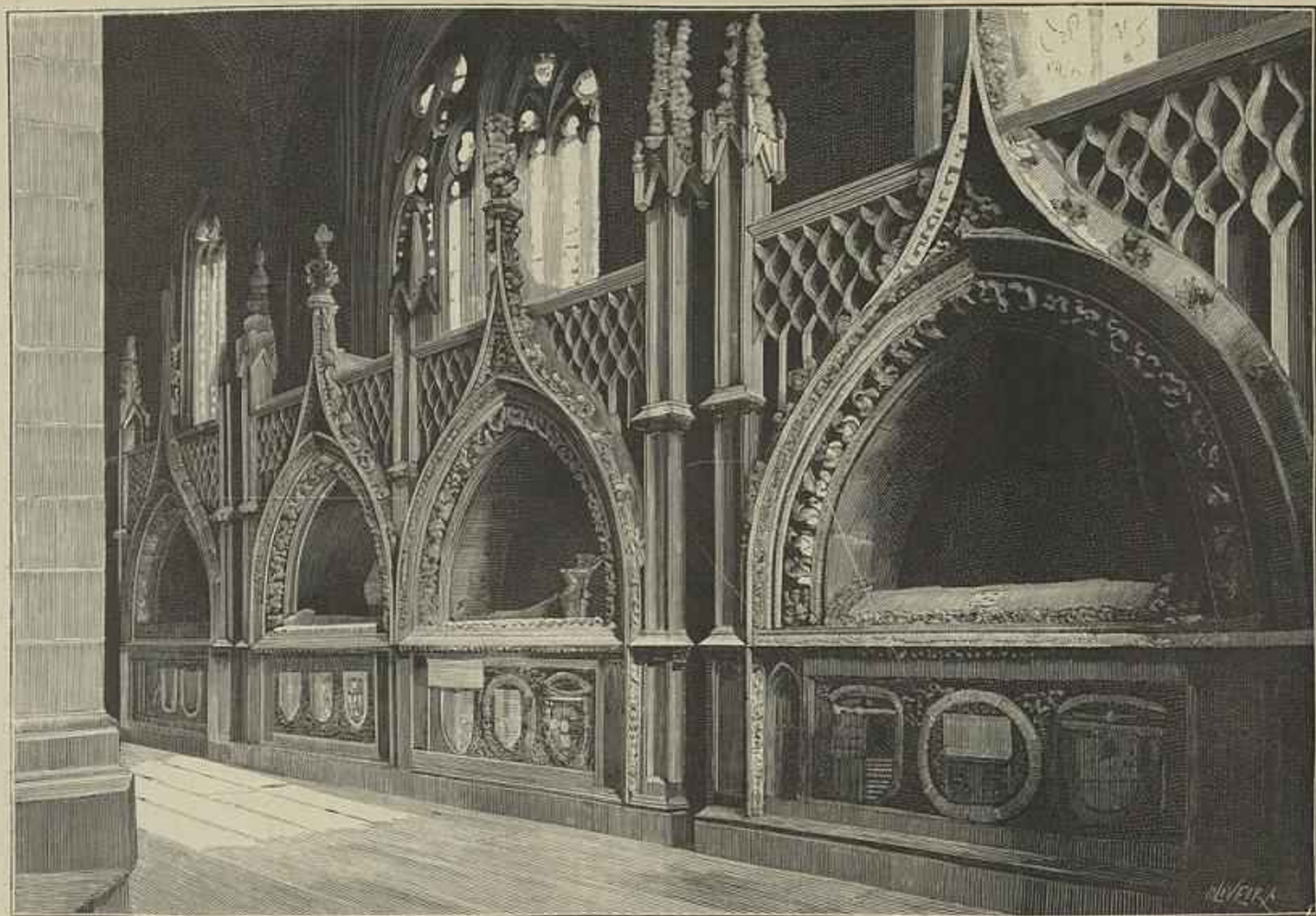
Depois puz o capacete, fui vadiar na doçura da manhã, de mãos nos bolsos, cantarolando um *fado* meigo. E ia pensando na Adelia e no sr. Adelino... Enroscados na alcova, beijando-se furiosamente, estavam-me talvez chamando *carola*, emquanto eu passeava alli, nos retiros da Escripura! Aquella hora a titi, de mantelete preto, com o seu rípanco, sahia para a missa de Sant'Anna: os creados do Montanha, esguedelhados, assobiando, escovavam o pano dos bilhares; e o dr. Margarida, á janella, na praça da Figueira, pondo os olhos, abria o *Diario de Noticias*. O minha doce Lisboa!... Mas ainda mais perto, para além do deserto de Gaza, no verde Egypto, a minha Maricoquinhas n'esse instante estava enchendo o vaso do balcão com magnolias e rosas; o seu gato dormia no velludo da cadeira; ella suspirava pelo «seu portuguezinho valente...» Suspirei também: mais triste nos labios se me fez o *fado* triste.

E de repente, olhando, achei-me, como perdido, n'um sitio de grande solidão e de melancolia. Era longe do regato e dos aromaticos arbustos de flor amarella; já não via as nossas tendas brancas; e diante de mim arredondava-se um ermo árido, livido, de areia, fechado todo por penedos lisos, direitos como os muros d'um poço—tão lugubres que a luz loura da quente manhã do Oriente desmaiava alli, mortalmente, desbotada e magoada. Eu lembrava-me de gravuras, assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um in-folio junto de uma caveira. Mas nenhum solitario aniquilava alli a carne em heroica penitencia. Sómente, ao meio do fero recinto, isolada, orgulhosa, com um ar de raridade e de reliquia, como se as penedias se tivessem amontoado para lhe arranjar um resguardo de Sacratio—erguia-se uma arvore tão repellente, que logo me fez morrer nos labios o resto do *fado* triste...

Era um tronco grosso, curto, atochado e sem nós de raizes, semelhante a uma enorme moça bruscamente cravada na areia: a casca corredia tinha o lustre oleoso de uma pelle negra; e da sua cabeça entumescida, de um tom de tição apagado—rompiam, como longas pernas d'aranha, oito galhos que contei, pretos, molles, lanugentos, viscosos, e armados de espinhos... Depois de olhar em silencio para aquelle monstro, tirei de vagar o meu capacete e murmurei:

—Para que viva!

MONUMENTOS DE PORTUGAL



CONVENTO DA BATALHA—TUMULOS DOS INFANTES, NA CAPÉLLA DO FUNDADOR. (Segundo uma photographia de Camacho)

colaborador artístico, o sr. José Pardal, fez do elegante yacht de recreio *Amelia*, pertencente a suas altezas os duques de Bragança.

É um magnífico barco de recreio, construído em Inglaterra e que tem a lotação de sessenta e seis toneladas arma em yawl e está registado na Real Associação Naval, de que sua magestade o rei D. Luiz é o commodoro e sua alteza o príncipe real D. Carlos é o vice-commodoro, sendo socios protectores d'esta real associação sua magestade a rainha D. Maria Pia e suas altezas a princesa D. Amelia e infantes D. Affonso e D. Augusto. Além do yacht *Amelia*, tem sua alteza o palhote *Nautilus* e diferentes guigas que tem figurado em regatas no Tejo e em Cascaes, obtendo premio em alguns d'estes concursos.

O yacht *Amelia* fez no dia 11 do mez passado uma viagem a Setubal, levando a seu bordo suas altezas os duques de Bragança e infante D. Affonso.

Na viagem de Lisboa para Setubal foi o yacht rebocado pelo vapor *Lidador*, mas no regresso a Lisboa veio á vella com uma viagem rapida e feliz, não sendo preciso o reboque do *Lida-*

apresentava um aspecto mais festivo e brilhante. Grande quantidade de pequenos barcos illuminados á veneziana, acompanharam as musicas a que nos referimos, e n'esses barcos ia uma boa parte da população de Setubal. A alegria era manifesta e espontanea, ao que suas altezas se mostraram muito reconhecidos.

O yacht *Amelia* largou de Setubal na manhã do dia 14 e deu entrada em Lisboa com uma viagem muito feliz, como já dissemos.

A côrta com o dragão que se vê na pequena gravura que encima a gravura do yacht, representa o distinctivo da tripulação do yacht *Amelia*.

TUMULOS DOS INFANTES NO CONVENTO / DA BATALHA

Por varias vezes temos publicado gravuras representando diversas partes do famoso templo de Santa Maria da Victoria, vulgarmente conhecido pelo nome de convento ou monumento da Batalha, a edificação mais grandiosa do nosso paiz, e que leva a sua fama até ao estrangeiro.

tes á ordem da Jarreteira de que o infante D. Pedro era cavalleiro. Em uma cercadura que contorna o bordo superior do tumulo, distingue-se entre os labores da pedra, representando delicados troncos enfiados, a palavra *desir*, que era a letra ou mote do infante.

No arco que se segue está o tumulo do infante D. Henrique, duque de Vizeu, instituidor da escola de Sagres, o grande iniciador das aventuras viagens e notaveis descobertas dos portugueses, e cujo nome é pronunciado com respeito por todo o mundo onde chegou a fama do seu valor e da sua sabedoria. Sobre este tumulo vê-se a estatua do infante, vestido de armas brancas tendo na cabeça uma touca ou fóta. Por sobre a cabeça, que descança em almofada, ergue-se um baldaquino rendilhado, tudo obra de pedra delicadamente trabalhada. Sobre o friso superior do tumulo corre uma folhagem e por entre esta ve-se esculpido na pedra a seguinte letra do infante escripta em francez: *Talant de bien fere*. Por baixo do friso está a inscripção sepulchral em caracteres germanicos, a qual se acha deteriorada em alguns pontos, incluindo o da data



BRASIL. — PONTE DE SANTA ISABEL E PALACIO DA ASSEMBLÉA PROVINCIAL, EM PERNAMBUCO (Segundo uma photographia)

dor que o fóra esperar, e que ficou para a poupa a perder de vista.

Durante o tempo que esteve em Setubal, suas altezas conservaram-se a bordo, tendo desembarcado no dia 13 de tarde, em que visitaram a terra.

Foi grande o entusiasmo que se manifestou nos habitantes de Setubal pela visita dos reaes viajantes.

Suas altezas percorreram a cidade que é muito bonita, em carruagem, e visitaram os conventos de Branc'Annes, de Jesus e a igreja parochial de Santa Maria da Graça. O povo victoriou-os entusiasticamente. Visitaram tambem na outra margem do Sado a antiga Troya, onde examinaram as escavações que se tem feito na velha cidade subterrada.

As noites assim como os dias, que suas altezas passaram no Sado, foram de verdadeira festa para Setubal. A noite a musica do regimento de caçadores 1 alli aquartellado, e uma philarmónica, foram dar uma serenata em volta do yacht *Amelia*.

Ha muitos annos que o formoso Sado não

A gravura de hoje representa os tumulos dos infantes que se vêem mettidos em quatro arcos abertos na parede do sul, ou que fica fronteira á porta da entrada da *Capella do Fundador*.

São quatro os tumulos, primorosamente trabalhados em pedra, como é todo esse monumento grandioso que a piedade de um rei vencedor levantou á virgem invocada no ardor do combate, com aquella fé tão grande, como a grandeza da obra que ficou a attestal-a ás gerações.

No primeiro arco a contar da direita, estão dois tumulos juntos um ao outro. No da parte exterior estão os restos do infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho e genro; no outro jaz sua esposa a infanta D. Isabel de Aragão filha de D. Jayme, conde de Urgel.

Na tampa d'estes dois tumulos divisam-se os escudos das armas do infante D. Pedro e da infanta D. Isabel de Aragão. Na face do tumulo exterior estão esculpidos em pedra e delicadamente ornamentados tres escudos d'armas, sendo o primeiro á direita, o da infanta e os dois seguintes, do infante, pertencendo o segundo d'es-

da morte, que parece nunca ter existido. Na face do tumulo ha tambem tres escudos d'armas ornamentados, que são do infante, incluindo o da Ordem de Christo de que elle era mestre.

O terceiro tumulo é do infante D. João condestavel do reino e mestre da ordem de S. Thiago; ao lado d'este está o tumulo de sua esposa a infanta D. Izabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança. Na cercadura de folhagem que adorna a aresta superior do tumulo, lê-se entrelaçada a letra d'este infante: *Je ai bien raison*. Os escudos do infante e de sua esposa adornam a face do tumulo. Na parede do fundo do arco destacam-se em alto relevo, tres grupos de figuras em incorrecta esculptura, representando scenas da paixão de Christo no Calvario.

O quarto e ultimo tumulo d'este lado, encerra os restos do infante D. Fernando, essa figura sympathica da nossa historia, immolado em sacrificio á patria, no mais horrivel captivo que o martyrizou e lhe grangeou o nome de *infante santo*. Este tumulo tem na face dois escudos entre folhagens caprichosamente cinzeladas na pedra.

BRAZIL—PONTE DE SANTA IZABEL
E PALACIO DA ASSEMBLEA PROVINCIAL,
EM PERNAMBUCO

A cidade de Pernambuco, capital da grande provincia do mesmo nome, dista 2:100 kilometros a N.O. da cidade do Rio de Janeiro, capital do grande imperio americano. Compõe-se de tres grandes bairros ou pequenas cidades, denominadas Santo Antonio, Boa Vista e Recife, sendo esta ultima a mais importante pelo seu desenvolvimento e commercio.

É na cidade do Recife que se encontra a ponte de Santa Izabel que a nossa gravura representa, a qual é de construcção moderna e põe em communicacção as duas partes da cidade do Recife cortada pelo rio.

É um dos melhores pontos da cidade avistando-se em grande estençao as povoações que se estendem pelas margens do rio, e elevam suas magnificas edificações que dão boa idéa da opulencia da cidade.

O edificio que se vê na gravura, á direita, erguendo a sua alterosa cupla por cima da platibanda e frontão que encimam a construcção, é o palacio da *Assemblea Provincial*, obra tambem feita ha poucos annos, e cuja grandeza e elegancia bem se podem avaliar pela gravura que publicamos.

O outro edificio que se vê para a esquerda, parecendo entestar com a ponte, é o *Gymnasio Pernambucano*, instituto de ensino sustentado pelo governo da provincia, e onde as classes menos favorecidas encontram o pão do espirito, d'esse a instrucção primaria até a superior, gratuita, sendo ainda os alumnos subsidiados pelo governo.

A grandeza do imperio americano que se desdobra em tantas provincias, que cada uma d'ellas valle um reino, permite e torna necessarios estes governos provinciales, que vivem com uma certa independencia e acção propria que lhes faculta o desenvolvimento que se observa nas provincias do Brazil, de que a de Pernambuco é uma das mais importantes.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

IV

Deixámos no artigo anterior o nosso leitor proximo da estação de Bemfica e não nos penitenciamos de o ter feito parar ali, com o nosso comboio descriptivo, porque tambem nós, quando passamos n'aquelle ponto quizeramos que o trem parasse, tal é a magnificencia do panorama, a variedade das paisagens, a diversidade de pequenos quadros campestres, que se desdobram á vista d'aquelle alto.

Ali foi localisada a estação, n'um pequeno plano, de onde se disfructa um largo horisonte de montes e de povoações, algumas a distancia de muitos kilometros.

A estação fica afastada á esquerda da povoação que lhe dá o nome, mas em breve será ligada a esta por uma larga estrada que vae ser construida.

Depois d'ella passa-se a nível a estrada militar em construcção, que vae ser a nova circumvalação de Lisboa, e a estrada n.º 87 de Lisboa a Cintra.

Á esquerda desenrola-se o velho aqueducto da Damaia.

Segue a estação da Porcalhota que tambem fica a uma certa distancia do tradicional sitio do coelho guizado.

Mas qual é a origem da fama de que disfructa aquelle sitio, para a guiza do coelho?

Correm diversas versões, e não sabemos a qual dar mais credito.

Será porque os coelhos n'aquelle sitio sejam mais saborosos?

Existirão ali outros adubos proprios para este genero da cosinha portugueza, que não se reprodüzam no resto do paiz?

Concretizar-se-ha n'aquelle ponto a sabedoria da preparacção d'este petisco, sem que os moradores do local, defensores acerrimos das suas prerogativas, consintam que as cosinheiras vão ao resto do mundo deliciar os paladares com aquelle pitéo?

Não sabemos e por isso nos inclinamos a acreditar o que ha dias nos contava, no comboio, um amavel companheiro de viagem:

Disse-nos elle que a fama do coelho guizado tem a seguinte origem:

Um respeitavel fazendeiro morava ha muito tempo ali pelos sitios de Sete Rios.

Gostava elle muito de coelho guizado e, como os tinha no quintalão, era aquelle o seu prato de todos os dias.

Neste tempo não havia ainda omnibus para aquelles sitios, e o bom fazendeiro vinha a pé á cidade e a pé fazia a volta.

Chegava a casa, e como tivesse sempre coelho para a ceia já não o apreciava—comia sem appetite.

Um dia arranjou uma nova propriedade na Porcalhota e para ali transferiu a sua residencia, mas na mudanca, os coelhos fugiram, e elle chegou á nova casa sem os seus roedores favoritos.

Comprou a mulher outros ali e no dia seguinte, quando o marido chegou a casa apresentou-lhe a ceia como do costume.

O marido, com o appetite estimulado pela hora mais tardia a que se sentou á meza, pelo maior passeio que dera ou pela mudanca de ares, apreciou o coelho como nunca.

Achou-o uma delicia!

—O que será isto? perguntava elle, nunca me soube tão bem o coelho como n'este sitio!

E como nos dias seguintes se repetisse o mesmo phenomeno assim se foi propagando a fama de que o coelho guizado só é bom na Porcalhota... depois d'um bom passeio a pé.

Creemos que foi por este motivo que a construcção do caminho de ferro localisou a estação a uma boa distancia do lugar, para que os apreciadores possam dar um largo passeio e... achem o coelho delicioso.

Passada a estação cruza-se por meio de um arco superior a estrada de Mafra, e pára-se na estação, ainda provisoria, de Queluz-Bellas.

Queluz está á esquerda, a muito curta distancia; tão curta que mesmo da estação se vê o seu bello palacio real, com os magestosos jardins povoados de estatuas, tanques, repuchos e frondoso arvoredor bem tratado.

Bellas é á direita, a uns 2 kilometros de boa estrada que constitue hoje o passeio favorito dos moradores d'aquelle fresca estancia de verão.

Sahindo d'este ponto vê-se á direita o lugar do Papel.

Uma casa espaçosa, onde o sr. Cambournach estabeleceu a sua tinturaria, a principal do nosso paiz pelos processos aperfeiçoados que emprega, e pela boa qualidade das suas tintas, forma o centro d'esta pequena povoação, composta na maior parte de operarios que se dedicam á industria que ali se localisou e desenvolveu.

Ao kilometro 17,400 o comboio pára na estação do Cacem.

É passada esta estação dois kilometros que se bifurca a linha, seguindo á direita para Cintra e á esquerda para Torres Vedras.

A estação é espaçosa, com grande numero de vias de resguardo e os demais pertences necessarios a um ponto de ligação das duas linhas.

D'ella damos a gravura que, como outra da estação de Cintra que virá no proximo numero é copia de uma bella photographia do distincto amador sr. Augusto Lamarão, ao qual já nos referimos no nosso numero passado, e que levou a sua dedicacção pela nossa folha e o seu desejo de illustrar com o seu apreciavel trabalho as modestas linhas que aqui traçamos, até o ponto de ir de proposito fazer um passeio ate Cintra, acompanhado da sua aperfeiçoada machina, a mais instantanea que conhecemos, e cujos trabalhos, guiados pela mão do habil operador, podem ser postos a par dos melhores dos artistas já consumados.

A direita da linha vê-se depois o lugar da Aqualva que tambem é servido pela estação do Cacem.

Depois d'elle, e á parte o agradável panorama de montes arborisados, e a frescura que o viajante vae sentindo ao aproximar-se de Cintra, nada ha de que façamos menção especial, até entrar no tunnel de Cintra, que tambem por si não é notavel, porque tem apenas 90 metros de extensão, e nós que, n'esta viagem, já passámos o de Alcantara que é seis vezes maior, e que nos preparamos para, dentro de tres annos, atravessar o da Avenida a Campolide, que será maior 28 vezes, não fazemos caso já de um agulheiro de 90 metros, tanto mais que, n'estas alturas, o que desejamos é ver Cintra, desembarcar na elegante estação, descer a tortuosa e pittoresca estrada e respirar livremente aquelle ar puro e vivificador.

Mas tome o leitor cuidado de pôr sempre o seu *par-dessus*, porque ha por aqui pessoas muito idosas que affirmam que nunca tiveram calor.

A descripção da estação dal'a-hemos no proximo numero, acompanhando as gravuras.

L. de Mendonça e Costa.

INSTRUCCÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÀS NECESSIDADES POPULARES
DEMONSTRAÇÃO:

(Continuado do n.º 303)

Dissemos que na cidade de Lisboa as escholas do municipio eram *fabricas de moagem*, e que tudo eram moinhos.

E na verdade:

São moinhos de moer a paciencia dos mestres e das creanças. Dos mestres porque nada ensinam á falta de disciplina que não ha, desde que a camara decretou, sem o poder decretar, a prohibição absoluta de castigos corporaes. Das creanças porque, as que são bem comportadas e desejam aprender, pouco aprendem, desde que se dispõe o tempo, na mór parte, em gritos contra os discipulos, que produzem vozeria adrede afim de perturbar as explicações dos mestres, e conseguir anarchia em que andam sempre diabolicamente empenhados, por quanto alguns, são ruins, sem crença, e sem a mais simples noção de respeito pelos superiores.

E terrivel castigar as creanças; mas é tão bonito—educal-as.

Que interessante é uma eschola bem disciplinada, onde o socego, essencial condição pedagogica para o ensino, reine sem coacção e quando seja espontaneo! Mas, onde o ha que deixe de ser perturbado por algum de entre muitos que, sahido do thegurio, vem encorporar-se na comunidade limpa e acieada, a eival-a dos vermes da destruição moral, corrompendo pelo máo exemplo os corações bem formados, as consciencias limpas de tantos outros de familias de são costumes?

Oh! que triste verdade!
Separem-nos. Não pôde ser: porque teem de formar no grupo ou classe correspondente á sua habilitação, e porque o *modo simultaneo mixto* é o unico, o mais recommendado pelos pedagogistas, e o que pôde empregar-se com vantagem real para os respectivos progressos. Logo, na eschola hão de confundir-se todos, que todos são eguaes perante o ensino.

Confundidos então, vem a amalgama escholar em toda a sua plenitude; eis a eschola á maneira do redil das ovelhinhas com os lobos á mistura. Mas o lobo e a ovelha não podem coexistir, porque as leis da natureza imperam na propria indole. E o pastor? O pastor tem baculo, mas não pôde usal-o que lh'o vedou a dona do rebanho.

Então a dona do rebanho consente que os lobos lhe devorem as ovelhinhas? É o que se vê, e só permite ao pastor que berre *ó quão, ó quão* contra a fera cerval. De modo que, enrouquecido, extenuado pela grita, cãe em extasis, e a fera vae devorando impunemente!

A camara administradora da instrucção do povo invadiu os dominios alheios, intromettendo-se na questão disciplinar, e por isso converteu as escholas em moinhos.

Diz o Regulamento de 28 de julho de 1881: Art. 217.—«Os inspectores são nas respectivas circumscrições delegados do governo, n'esta qualidade compete-lhes:

1.º—«Fiscalisar o ensino, a administração e a policia de todas as escholas officiaes de ensino primario, comprehendidas na sua circumscrição.»

10.º—«Informar o governo ácerca da exactidão, zelo e desvelo com que as camaras municipaes e outros corpos administrativos cumprem as leis e regulamentos da instrucção primaria.»

Art. 219.—«Serão sempre objecto de inspecção:

3.º—«O caracter civil, moral, religioso e litterario do ensino.

8.º—«A frequencia e aproveitamento dos alumnos.»

Muito bem. Estamos na ordem, e ninguém dirá que somos injustos, afirmando que a camara de Lisboa anda *extra legem*.

Pelo n.º 10 do art. 217 a camara tem de exercer zelo e desvelo no cumprimento dos regulamentos do governo; ora a camara, sabendo que o regulamento de 1850 auctorisa os mestres a applicarem, em casos extremos, um pequeno castigo corporal nos discólos ou refractarios da disciplina, recommendando que esse castigo seja paternalmente dado, e sem rancôr, *exercen o zelo e desvelo* pelo mencionado preceito, *decretando* em seu regulamento camarario de 25 de agosto de 1886, o seguinte:

Art. 37.—São expressamente prohibidos nas escolas os castigos corporaes.

§ 1.º—(em vez de § unico) Entram n'este numero:—a privação de refeição, a permanencia em posições viciosas ou contrafeitas e a muito demorada conservação do alumno n'uma posição fixa.

Agora as conclusões:

1.º—Com o *asserit A, negat E*, estabeleceu-se conflicto. E quem pôde ou manda mais, A ou E? Mas A é o regulamento vigente de 1850, e E o da camara. Então em que ficamos? Quem manda, e a quem se hade obedecer?

Simplemente vergonhoso! O governo quer disciplina na escola, pugnando pelo aproveitamento dos alumnos, e por isso auctorisa os meios para se conseguir a mesma disciplina. Logo, o governo é logico. A camara quer aproveitamento, sem disciplina, porque nega os meios. Logo é illogica e contradictoria, e mostra a falta de respeito pelas determinações superiores!

O governo, pelo seu regulamento vigente, dá ao pastor o baculo para que os lobos não devorem as ovelhinhas;—a camara prohibe o baculo e auctorisa a voragem das feras.

O governo com o seu regulamento falla a verdade ás familias, velando pelos seus interesses, que são o aproveitamento e moralidade dos filhos;—a camara auctorisa a anarchia nas escolas, e mente ás familias com uma estatística falsa de valores ou notas de aproveitamento dos alumnos!

2.º—O regulamento de 1850, dando os meios para se conseguirem os fins, pugna pelo bom caracter civil, moral, religioso e litterario do ensino;—a camara, auctorisando a anarchia, com as suas theorias regulamentares, destroe o tal caracter do ensino!

Porque será isto?

É porque a camara fez um regulamento inconsciente, e, desconhecadora dos preceitos regulamentares do governo, quer agora, depois de conhecido o erro, sustentá-lo, embora com o sacrificio da vida dos mestres.

*
*
*

Tomem lá a seguinte hypothese:

O professor F., tendo admoestado um refractario, e, havendo empregado todos os meios brandos para convencer o sujeito de que é mau, e não deve continuar a praticar certo acto, viu-se no caso extremo, porque o delinquirente reincidiu diversas vezes, de pespegar-lhe duas ou tres palmatoadas. E depois?

Já se vê que o professor n'este caso delinquiriu, faltando ao disposto no art.º 37.º do regulamento da camara.

O que tem a camara a fazer?

Tem de lhe applicar as penas estabelecidas no art.º 40.º da lei de 2 de maio de 1878; e as penas, em escala ascendente, só podem ser applicadas em virtude de um processo; o professor que saiba d'esta legislação não se considera castigado e nem acceta o castigo, senão em virtude da doutrina estabelecida no mencionado art.º 40.º

Ora, qual ha de ser a junta escolar que dê voto a favor da camara, conhecendo que o professor andou legalmente, visto que o regulamento de 1850 (vigente) o auctorisa a castigar o alumno refractario?

E qual hade ser o inspector do governo que dê o seu voto affirmativo, dando-se taes circumstancias? O que hade fazer a camara ao professor? Nada. Porque o professor está coberto pelo regulamento; e, quando se estabeleça um tal conflicto, o professor hade vencer, e a camara ha de ficar vencida!

Aqui estão bem patentes os fructos de uma leviandade da camara, *decretando* o que não pôde *decretar*.

Mas os moinhos lá vão moendo, porque os professores preferem morrer esfalfados a estabelecer questão. Quem soffre é o ensino; quem fica *disfructada* é a familia; quem engana a familia é a camara.

D'aqui nascem:

a—a immoralidade das novas gerações, cuja educação não pôde a escola conseguir;

b—a inutilidade do *homem futuro* para o grande concerto da vida social, que ha de baquear por terra pela influencia das notas discordantes.

(Continúa)

JOÃO CHRISTINO DA SILVA

II

Em 1855, a França convidou as sciencias, as industrias e as artes de todo o mundo para um grande congresso, e os *Cinco artistas*, depois de figurarem no anno antecedente na exposição da Academia de Lisboa, foram enviados á grande Exposição universal de Paris com outros trabalhos de artistas portuguezes.

D'um artigo de Ernesto Biester, publicado no n.º 5 do *Jornal de Bellas Artes*, citaremos o trecho em que vem traduzida a apreciação que o jornal *Palais de l'Industrie*, de 28 de outubro de 1855, fez do quadro de Christino.

—N.º 1676—João Christino da Silva—*Cinco artistas em Cintra*—O colorido é formoso como quanto por partes avermelhado. Pela desenvoltura vê-se logo que são artistas as figuras do quadro. Prova-se á primeira vista boa attitude e cunho do bello. Entretanto quereríamos em menos symetria o acampamento e menos apuro no vestuario, porque, sem offender susceptibilidades, julgamos poder afirmar que em Portugal, como em qualquer outro paiz, a negligencia é um dos caracteres distinctivos do artista. Mas nem por isso deixaremos de concluir que a obra do sr. Christino da Silva é uma das mais notaveis que foi apresentada no grande concurso.

Citamos a critica do jornal francez, não porque a julgemos primorosa, mas porque prova que n'aquelle enorme certamen a obra de Christino não passou despercebida.

O que parece ter destoadado mais ao critico na composição, é a symetria do que elle chama acampamento e o apuro do vestuario dos cinco artistas.

Emquanto á primeira observação discordamos, e achamos boa a composição do grupo principal, em que figuram Anunciação fazendo um estudo do natural, e por detraz d'elle Metrass, em pé, desenhando n'um album, rodeados por uma familia salaia, que a curiosidade natural ali chamou, e que contempla a obra, e segue attentamente o pincel do artista, que lhe vaie debuxando a paisagem tão sua conhecida. Seria talvez este grupo sufficiente para um quadro, mas as tres figuras de Victor Bastos, Christino e José Rodrigues, que estão á direita, n'outro plano mais afastado, não prejudicam, antes completam, a composição. É pelo que respeita á excessiva elegancia dos trajos, todos nós que conhecemos os individuos ali retratados, sabemos que nenhum d'elles teve jamais o aspecto phantastico e funambulesco d'alguns *rapins d'atelier* do *Quartier latin*, muito cabelludos e pouco penteados. Anunciação, sem pretensões a dandysmos, que não estavam em harmonia com o seu caracter e a modestia dos seus recursos, foi sempre correctissimo na fórma de se apresentar. Metrass, relativamente rico, trazia com apurado gosto e era o que então se chamava um janota, não lhe ficava atraz Victor Bastos. De José Rodrigues pôde-se dizer o mesmo que affirmámos de Anunciação. E Christino, de todos os cinco o mais phantastico e de mais airada vida, apesar dos seus chapéus espectaculosos e do grande chale-manta, que elle traçava um pouco theatralmente, parecia uma d'essas figuras da Renascença, que vemos nos grandes quadros antigos, e nunca se confundio com os bohemios cheios de cor por dentro e por fóra, cujos retratos tanto abundam desde 1830 nos romances francezes.

Neste estudo, improvisado para acompanhar o excellente retrato gravado pelo sr. D. Netto, e a copia do quadro dos *Cinco artistas em Cintra*, não podemos seguir passo a passo a carreira do notavel pintor, nem analysar e discutir os meritos e defeitos das suas obras, algumas das quaes, como a *Primeira impressão da arte*, a *Estalagem*, a *Estrada da Povoá*, compradas tambem pelo fallecido rei D. Fernando, faziam parte da Galeria do Palacio das Necessidades, mas o que podemos affirmar é que o futuro não correspondeu ás brilhantes promessas dos primeiros annos, e que causas internas e externas, que seria longo

expor aqui, fizeram com que o artista, chegado a menos de meio da sua carreira, parasse, e preferisse os encantos e attractivos do mundo ao estudo e cultura das bellezas mais ideaes e abstractas da Arte.

Estimado por todos os que conheciam as qualidades do seu espirito e do seu caracter, Christino procurava por todos os modos completar a sua educação: lia muito, interessava-se por todas as grandes idéas, discutia com todos, e envolvia-se ás vezes nas mais altas questões artisticas e sociaes, supprindo com a vivacidade e a perspicacia natural as deficiencias da sua primeira educação. Excelente observador, gostava muito de viajar, e o colorido das suas descrições era tão vigoroso como o dos seus quadros. Christino tinha a palavra facil e o gesto animado: a sua mão branca e longa—mão de artista, habituada a manejar o pincel—seguia e acompanhava admiravelmente a narrativa, accentuando o desenho dos typos, e os episodios e as scenas, ora dramaticas, ora comicas, que o artista ia narrando.

A cada nova excursão do pintor reanimava-se no espirito dos seus amigos a esperanza de que ella lhe inspirasse algum grande quadro. Em 1867 visitou a Exposição universal de Paris, recebendo para esse fim do governo um pequeno subsidio—180000 réis. O quadro que ali expoz foi muito apreciado, e o então celebre pintor Yvon, elogiando muito as suas qualidades de colorista, incitou-o calorosamente a proseguir no culto da arte, em que devia vir a occupar um lugar distinctissimo; porém nem as palavras d'animação do artista francez, nem as que depois ouviu da bocca dos hespanhoes, de Palmarioli, de Madrazo, de Gisbert, quando enviou a Madrid, em 1871, a *Cruz alta de Cintra* e a *Fonte das Lagrimas*,—que lhe valeram ser condecorado pelo governo do rei Amadeu, sendo a *Fonte das Lagrimas* reproduzida em gravura pela *Illustração hespanhola*—tiveram força para suspender a decadencia, e reaccender no seu animo o fogo sagrado que o illuminava out'ora, quando compunha e pintava os *Cinco artistas*.

O mocidade! As flores delicadas da imaginação, que ornam os phantasticos jardins com que sonha e se inebria toda a alma de verdadeiro artista—pintor ou poeta;—esse tapete variegado de infinitos matizes, que parece, visto de longe, ser a estrada da vida; as visões graciosas, que ora surgem, ora desaparecem n'um horizonte ideal; as aclamações, as glorias e as apotheoses, com que a humanidade corôa o genio, tudo isso murcha, desvanece-se, esvae-se, e transforma-se quasi sempre com o tempo, e não é raro que as flores se tornem em espinhos e as apotheoses em martyrio!

Factos para outros talvez insignificantes, mas a que a excessiva impressionabilidade de Christino deu uma importancia extraordinaria, a tal ponto o irritaram, que se tornou necessario recolhê-lo ao hospital, d'onde sahiu, passado pouco tempo, completamente restabelecido, e coisa notavel para nós, profanos na sciencia medica—conservava na memoria, e contava minuciosamente, tudo o que passára e soffrera n'esse periodo tristissimo da sua vida!

—Quando eu era Christo—dizia elle então, ao principiar alguma d'essas narrativas, e seguia fallando com a antiga fluencia, descrevendo, muitas vezes em estylo faceto, um ou outro episodio da terrivel excursão, que fizera a esse reino da loucura, de que voltou aparentemente intacto, mas trazendo realmente no fundo da alma a terrivel nostalgia das lobregas regiões, para onde em breve e infelizmente havia de voltar.

Ferido novamente na cabeça e no coração João Christino falleceu, na força da vida, aos 12 de maio de 1877. Nascera a 24 de julho de 1829, e não tinha ainda, portanto, completado 48 annos.

Zacharias d'Aça.



RESENHA NOTICIOSA

Condes d'Eu. Suas altezas imperiaes os condes d'Eu, estiveram em Lisboa de passagem para o Rio de Janeiro. Os imperiaes viajantes chegaram de Paris no dia 21 do mez findo e embarcaram para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete *Gironde*, na tarde do dia 23. Foram acompanhados a bordo, na galeota real, pelo sr. ministro da marinha, o sr. ministro do Brazil e pessoal da

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA—Estação de CACEM (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Augusto Lamião)

legação, membros da colonia brasileira e da Sociedade de Beneficencia Brasileira, a qual suas altezas contemplaram com cincoenta libras. Na sua passagem no Tejo para bordo do paquete, salvou o couraçado *Vasco da Gama*. Os navios de guerra embandeiraram todos, tendo no tope a bandeira brasileira.

OFFERTA ARTISTICA. O sr. conde de Franco offereceu a suas altezas os duques de Bragança uma primorosa estatua de bronze, da poetisa Clotilde Lurvill, esculpida pelo escultor francez Gaultherin. A estatua assenta sobre um pedestal de veludo carmezim, onde se vêem as armas dos duques de Bragança e de Orleans, cinzeladas em prata. Um rico estojo forrado de setim, contendo as obras da celebre poetisa, completa a offerta do sr. conde de Franco.

DOUTOR VULPIAN. Falleceu em Paris o doutor Vulpian, sabio professor de anatomia pathologica a quem a sciencia muito deve. Vulpian formou-se em medicina, em 1854, e pouco depois foi nomeado professor da escola de Paris, nomeação que foi combatida, chamando-lhe atheu e materialista. Em 1872 passou á cadeira de pathologia comparada e experimental, soffrendo ainda d'esta vez nova opposição. Em 1875 foi nomeado decano da faculdade, logar que deixou por occasião do advento do ministerio de que fazia parte Paulo Bert. A Academia das Sciencias de França elegue-o em 1886 seu secretario perpetuo. São importantes as obras que deixa, notando-se entre outras as *Lições sobre a physiologia geral e comparada do systema nervoso*, *Lições sobre o apparelho vaso-mote*, *Clinica medica do hospital de la Charité*, *Doenças do systema nervoso*, etc. Nasceu em 1826, fallecendo com a idade de 61 annos.

INVENTO PORTUGUEZ. O sr. Feliciano Soares de Azevedo construiu um wagonete de sua invenção, que por meio de uma combinação de molas se move sobre os rails, sem auxilio de braços. As experiencias deram bom resultado. O autor denominou este wagonete, *wagonete de visita*.

ACHADO ARCHEOLOGICO. Nas proximidades do Vimieiro, freguezia de Casal Comba, concelho da Mealhada, foi encontrado n'um olival denominado das Areias, uma estatua de bronze de 23 centimetros de altura representando *Mercurio*. Esta estatua, ainda que bastante mutilada, parece ser obra romana, e foi offerecida ao sr. Marciano d'Azuaga, para o seu museu de archeologia.

DESCOBERTA LITTERARIA. Um sabio grego descobriu em Philippopoli alguns manuscriptos de Aristoteles, relativos a parte das seguintes obras

do principe dos philosophos: *Do Ceu*; *Do Nascimento e Do Aniquilamento*; *Da Alma*; *Observações criticas*. Estes manuscriptos acham-se bem conservados e são de facil leitura, tendo á margem algumas notas que parecem posteriores. Se se poder provar a sua autenticidade, é um achado de inestimavel valor.

OBRAS INEDITAS DE WAGNER. Entre os papeis do rei Luiz II da Baviera encontraram-se os originaes de duas operas de Wagner que devem ter sido os seus primeiros trabalhos. As operas tem uma o titulo *As Fadas* e outra *A prohibição d'Amor*. Parece que estes originaes serão vendidos, e portanto postos em scena.

O TELEPHONE. Na obra *Exposição dos Psalmos* do religioso Agostinho fr. Pedro Vega, encontra-se, segundo diz uma folha religiosa hespanhola, a declaração de que a voz humana se podia transmitir a grandes distancias, por meio de um fio metalico. Vê-se por isto que a descoberta do telephone não se deve exclusivamente a Bell.

NOVO MINISTERIO FRANCEZ. Os ultimos telegrammas trouxeram a noticia de se achar definitivamente constituido o novo ministerio francez, organizado por Mr. Rouvier. O novo ministerio é assim formado: Rouvier, presidencia, fazenda e correios e telegraphos; Fallières interior; Flourens, estrangeiros; Spuller, instrução publica; Mareau, justiça; Ferron, Guerra; Barbey, marinha; Dautresme, commercio; Herédia, obras publicas; Barbe, agricultura. O novo ministerio propõe-se apresentar ás camaras um orçamento que corresponda aos desejos de economias que ellas reclamam, e a sustentar os projectos militares do governo transacto.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Um livro para meus netos por H. C. Eschrich, traducção livre, Bibliotheca do cura d'Aldeia, editora, Porto. Um delicioso livro de contos, que todos podem ler sem receio de lhe encontrar peçonha. O nome do seu auctor é tão conhecido em Portugal, onde tem um grande numero de

leitores dedicados, que é inutil recommendar os livros de Eschrich porque elles são sempre procurados com interesse.

O Instituto, revista scientifica e litteraria, vol. xxxiv, abril de 1887, segunda série n.º 10, Coimbra. Magnifico periodico mensal cujo sumario d'este numero é o seguinte: *O Christianismo*, por Joaquim Maria de Brito; *Compendio de Economia Politica*, por Manuel de Almeida; *Projecto de reforma da faculdade de mathematica*, religido pela commissão eleita em congregação de 29 de dezembro de 1886; *Sobre a natureza das coisas*, poesia por A. M. de Falcão; *Memoria historica do concelho de Reguengos de Monsaraç*, por Pedro Manuel Nogueira; *A Sé velha de Coimbra*, por A. M. Seabra de Albuquerque, etc.

Revista dos Estudos Livres, directores litterarios doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos, nova livraria internacional, editora, Lisboa, vol. iv, n.º 1 e 2 com os seguintes artigos: *A Grecia e a sua missão historica*, por Theophilo Braga; *Notas para a historia da musica em Portugal*, por Joaquim José Marques; *O Zouerein mediterraneo*, por Carlos de Mello; *O facto...*, por F. Sá Chaves; *Materiaes para a flora do archipelago de Cabo Verde*, por João Cardoso Junior; *Bibliographia. Rapport sur le commerce de la France avec la Turquie, l'Egypte, la Grèce, la Bulgarie et la Roumanie*, de Dem. Georgiades, por Carrilho Videira; *Excursão pelos dominios da entomologia*, de João Alfredo de Freitas, por Teixeira Bastos; *Jesus e os Evangelhos*, de Julio Loury, por Teixeira Bastos.

Historia da revolução portugueza de 1820, illustrada, por José d'Arriaga, Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculo n.º 12, primeiro do segundo volume. Esta publicação a que já nos temos referido com o louvor que merece, segue com a maior regularidade e cumprimento do seu programma.

A Ilha Misteriosa, segunda parte.—*O abandonado*, por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo, etc. David Corazzi editor, Lisboa. Mais um volume da grande edição popular, que tem tido um extraordinario acolhimento do publico.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.